

RESENHAS

WEIL, Simone.

L'ENRACINEMENT: PRÉLUDE À UNE DÉCLARATION DES DEVOIRS ENVERS L'ÊTRE HUMAIN.

Paris: Gallimard, 1990. 381 p. (Folio-Essais, 141).

Estamos comemorando o 50º aniversário de morte de S. Weil (1909-1943), oportunidade para lembrarmos e discutirmos um estilo de filosofar, muito rico e original. Entre as diversas manifestações comemorativas programadas, consta a realização do Colóquio Internacional, previsto para o período de 13 a 15 de setembro de 1993, promovido pelo Departamento de Filosofia e Mestrado de Filosofia da UERJ. O pensamento e obra de S. Weil têm sido divulgados, no Brasil, de maneira pioneira, pela professora Ecléa Bosi (**A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Paz e Terra, 1979 **Simone Weil - a razão dos vencidos**. Brasiliense, 1982).

A resistência à divulgação do pensamento de S. Weil no interior dos cursos de Filosofia explica-se pela originalidade do estilo, completamente diferente dos pensadores clássicos. Além de viver intensamente o que ensinava, S. Weil esteve sempre comprometida com a causa dos oprimidos. A frase de Lucano constituiu um lema de sua caminhada: "A causa dos vencedores agradou aos deuses, mas a Catão, a dos vencidos" (Ecléa Bosi. **Simone Weil**, p. 6). Seus diários e suas obras o atestam de sobejo. O que impressiona a qualquer leitor é a sua capacidade e coragem de estar presente onde havia sofrimento, opressão e injustiça. Ao mesmo tempo que ministrava suas aulas com um devotamento incomum e participava na luta contra toda sorte de opressão, escrevia uma obra filosófica imensa. Graças ao esforço dos professores André Devaux e Florence de Lussy, da **Association pour l'étude de**

la pensée de Simone Weil (5, rue Monticelli. 75014 - PARIS, França), podemos hoje dispor da obra de S. Weil seja em edições de bolso, seja duma edição mais crítica e mais completa. O plano de publicação das **Obras Completas** prevê o lançamento de dezesseis grossos volumes, já em andamento, pelas Editions Gallimard.

O livro que pretendemos resenhar é de uma palpitante atualidade, sobretudo diante da realidade brasileira e latino-americana. A situação de miséria e de abandono, em que vive a maior parte da nossa população, é um desafio a todo intelectual que não que fazer uma filosofia apenas pelo prazer de criar um discurso bem arquitetado no plano lógico. A esse respeito, a professora Ecléa Bosi publicou, recentemente, um importante artigo, muito denso, analisando as conseqüências do desenraizamento das migrações. (*Culture et déracinement. Cahiers Simone Weil*, Paris, T. XV. n. 4, p. 291-301, déc. 1992).

Antes de analisar as causas e efeitos do desenraizamento, S. Weil estuda e discute as necessidades básicas da alma humana, como a liberdade, a responsabilidade, a segurança, a verdade, a propriedade privada e coletiva, direitos e deveres. Em seguida, mostra como essas necessidades básicas da alma são importantes e vitais para podermos entender o problema e o drama do **desenraizamento** e **enraizamento** humanos. Por ter S. Weil vivido a experiência operária na Renault e a camponesa no interior da França, bem como o engajamento na Resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial, entende-se por que se tem preocupado com o desenraizamento operário, camponês e outros. Aliás, é esta parte a mais ampla e a mais densa da obra, porquanto parte duma experiência e dum compromisso por ela vividos. Mostra como o dinheiro é o grande responsável por esse drama. Provoca a exploração, o desemprego e a ruptura entre a cultura erudita e popular. E aqui intervém um fator decisivo de alienação, conseqüentemente, de desenraizamento. A escola tem muita responsabilidade nesse caso, isto é, no fato de transmitir e de exigir do filho do operário ou do camponês um tipo que cultura que nada ou quase nada tem a ver com a sua vida.

Insiste em que o **enraizamento** é uma necessidade básica de todo ser humano, um componente ontológico de segurança.

"O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e a mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Todo ser humano possui uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência duma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz naturalmente". (p. 61).

Mostra em seguida como a guerra é um fator de desenraizamento dos mais terríveis. Mas no mesmo plano coloca outro fator, o dinheiro, que causa estragos iguais, senão maiores, que a guerra.

"Mesmo sem conquista militar, o poder do dinheiro e a dominação econômica podem impor uma influência estrangeira a ponto de provocar a doença do desenraizamento. (...). O dinheiro destrói as raízes por onde vai penetrando, substituindo todos os motivos pelo desejo de ganhar. Vence sem dificuldade os outros motivos porque pede um esforço de atenção muito menor. Nada mais claro e simples que uma cifra" (p. 62-63).

Valeria a pena desenvolver mais esse tema, tão presente na atual conjuntura nacional e mundial. No Brasil, o fenômeno das migrações, dos bóias-frias, das concentrações urbanas, da expulsão do homem da sua terra, do seu meio e de sua habitação, o drama do desemprego e do subemprego, do transporte de massa desumano (em muitas ocasiões, cavalos e cães têm atendimento incomparavelmente melhor) mostram como e quanto o tema do **desenraizamento** e do **enraizamento** são temas filosóficos, urgentes e prioritários. Nesse sentido, a filosofia de S. Weil pode nos ajudar e nos orientar no sentido de uma reflexão para uma problemática muito próxima e, talvez por isso, relegada a um plano secundário. A esse respeito, para concluir, vale a pena transcrever o diálogo e a discussão entre S. Weil e S. de Beauvoir. S. Weil dizia que só uma

coisa importava hoje sobre a terra: a Revolução que daria de comer a todo mundo. S. de Beauvoir respondeu que o problema não era fazer a felicidade dos homens mas de encontrar um sentido para sua existência. Ao que S. Weil retrucou: "**Vê-se bem que você nunca teve fome**" (Ecléa Bosi. **Simone Weil**, p. 17).

Alino LORENZON (UFRJ)

**VANSINA, Frans D. PAUL RICOEUR
BIBLIOGRAPHIE SYSTÉMATIQUE DE SES ÉCRITS ET DES
PUBLICATIONS CONSACRÉES À SA PENSÉE (1935-1984).**

Lovaina (Bélgica): Editions Peeters, 1985. 291 p. (Bibliothèque Philosophique de Louvain, 31). "Bibliographie de Paul Ricoeur - Compléments (jusqu'en 1990)". *Revue Philosophique de Louvain*, T. 89, N° 82, maio 1991, p. 243-288.

Instrumento indispensável para quem deseja realizar um estudo ou uma pesquisa mais abrangentes e mais profundos da obra e do pensamento de P. Ricoeur, o trabalho em apreço divide-se em duas partes: a) Bibliografia das publicações do nosso filósofo; b) Bibliografia dos escritos consagrados ao seu pensamento. A primeira parte compreende três seções: 1) os livros e as respectivas traduções; 2) os textos maiores; 3) os textos que poderiam ser qualificados de menores, seja em razão do suporte gráfico (tipo xerox) seja em razão do conteúdo (comunicações mais breves, tomadas de posição, etc.). Em cada uma dessas seções, as publicações são classificadas primeiramente pela língua, depois na ordem cronológica. As línguas representadas são as seguintes: francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, português, holandês, polonês, japonês, dinamarquês, serbo-croata, grego e sueco.

A fim de tornar a bibliografia de manuseio mais fácil, a cada publicação foi acrescentada a respectiva tradução. Ademais, um índice dos autores das traduções, edições, prefácios, bem como um índice analítico das matérias e dos nomes de pessoas com as quais Paul Ricoeur entrou em discussão facilitam o acesso a obra tão importante.

A bibliografia dos escritos consagrados ao pensamento de Ricoeur, divide-se em cinco seções: 1) os livros consagrados à filosofia de Ricoeurs; 2) as dissertações e teses de doutorado tratando do seu pensamento; 3) os artigos e ensaios que estudam ou discutem aspectos de sua filosofia; 4) resenhas e notas concernentes a seus livros bem como introduções redigidas por tradutores dos livros de Ricoeur; 5) as bibliografias de seus escritos e das publicações consagradas ao seu pensamento. As publicações são classificadas primeiramente pela língua e depois em ordem cronológica.

O prof. Vansina merece uma menção calorosa pelo excelente trabalho, porquanto é o único que mantém atualizada uma bibliografia completa e meticulosa da obra de Ricoeur e dos escritos consagrados à sua filosofia. Neste ano de 1993, comemoramos o 80º aniversário de Ricoeur. Muitas homenagens têm sido prestadas, e sua obra amplamente estudada e discutida.

Alino LORENZO (UFRJ)

JUNG, Carl G. e outros

O HOMEM E SEUS SÍMBOLOS

11ª edição, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1992, 316p.

O Homem e seus Símbolos é uma obra monumental concebida e organizada por Jung, contando com a colaboração de um grupo de seus mais eminentes e creditados seguidores. A substância deste livro (relação do homem com o seu inconsciente) e a sua estrutura geral foram traçados diretamente pelo psicólogo suíço.

Trata-se de uma obra destinada ao leitor comum, escrita com muita clareza e objetividade, repleta de ilustrações, tornando estimulante a apreensão dos complexos assuntos nela expostos.

Percorreremos, nesta resenha, cada capítulo da obra, procurando destacar as principais temáticas desenvolvidas.

O capítulo fundamental - "Chegando ao inconsciente" - foi escrito pelo próprio Jung. Inicialmente, procura-se demonstrar a importância dos sonhos como meio de se expressar o que de específico o inconsciente quer manifestar. Eles seriam o meio mais acessível para se investigar a faculdade humana de produzir símbolos. Os símbolos oníricos são os mensageiros indispensáveis da parte instintiva da mente humana para a sua parte racional. Assim sendo, a função geral do sonho seria a de reestabelecer a nossa balança psicológica, compensando as deficiências da personalidade.

Dado que a mente não é um produto sem história, nos sonhos aparecem, freqüentemente, elementos não individuais, manifestações do instinto por meio da fantasia e símbolo. São os arquétipos. Eles interferem em situações com seus próprios impulsos e suas formações de pensamento.

Todavia, o advento do racionalismo moderno fez com que o homem perdesse sua capacidade de reagir às idéias e símbolos numinosos. O sonho compensa esta perda, seus símbolos revelam nossa natureza original com seus instintos e sua maneira peculiar de raciocínio; São tentativas naturais para a reconciliação e união dos elementos antagônicos da psique: belo e feio; luz e sombra...

Interpretando os símbolos do inconsciente, vamos nos achegar ao sentido mais profundo da vida humana.

J. Handerson, no capítulo: "Os mitos antigos e o homem moderno", apresenta o aparecimento de vários arquétipos da mitologia antiga, das lendas e dos rituais primitivos. Sustenta que o elo existente entre aqueles arquétipos e os símbolos produzidos pelo inconsciente de um indivíduo é de enorme valor prático para o analista.

Explorando a fundo o arquétipo de iniciação, o conto da bela e da fera os rituais órficos, verifica-se que eles são expressões simbólicas de experiências psicológicas que ainda hoje repetem-se nos sonhos e fantasias das pessoas. Finalizando, analisa-se os simbolismos relacionados com a necessidade que se tem de transcendência, de busca plena da realização das potencialidades do Self.

No capítulo seguinte, M-L. Von Franz descreve o processo de individuação, onde o consciente e o inconsciente do indivíduo vão, grativamente, se acomodando um ao outro.

No interior da psique humana atua uma tendência reguladora que gera um processo de crescimento psíquico. É o Self, totalidade absoluta da psique, o centro organizador de onde emana este processo. O desencadeamento da individuação, inicia-se com uma lesão à personalidade (renúncia à atitude utilitarista de planejamento consciente), que, nos contos de fada, é expressa pela figura do rei que fica doente, pela escuridão que cobre a terra... etc. Ou seja, o encontro com o Self, inicialmente, lança uma sombra sobre o futuro do indivíduo. Através dos sonhos e fantasias produzidos pelo inconsciente, podemos perceber o objetivo secreto dessas ocorrências interiores. Exige-se, portanto, a relaização da sombra, a aceitação dos defeitos, qualidades e atributos desconhecidos ou pouco conhecidos de ego. A sombra contém forças vitais e positivas, devendo ser integrada no todo da personalidade. Ela torna-se hostil e negativa, quando ignorada ou incompreendida.

Continuando a sua exposição, a autora estuda a personificação das tendências psicológicas femininas no interior do homem (anima) e a personificação das tendências psicológicas masculinas no interior feminino (animus), que devem ser reconhecidas como um poder interior que impulsiona o crescimento do próprio ser, integrando melhor a personalidade inconsciente com todo seu potencial positivo. Animus e anima executam a função de guia e mediadores entre o mundo interior e o Self.

M-L. Von Franz, por fim, ocupa-se com o Self, símbolo da totalidade. Discute como animais e, principalmente, a pedra aparecem nos sonhos e contos de fada, simbolizando-o.

Aniela Jaffé, no capítulo seguinte, a partir da análise das artes plásticas, mostra o quanto que os símbolos do inconsciente exercem sobre os indivíduos uma atração bastante relevante. Destaca-se a análise da pintura moderna imaginativa (que representa uma fantasia ou uma expressão de experiências do artista de maneira irreal e abstrata) como um fenômeno de nossa época.

Todavia, esta arte moderna se nos apresenta como uma grande abstração ou como um realismo exagerado. A dicotomia na arte indica uma cisão psicológica coletiva que está buscando expressão.

No último capítulo: "Símbolos em uma análise individual", a partir de um caso clínico, Dr. Jacobi apresenta-nos um bom exemplo da aplicação do método jungiano de análise.

No estudo conclusivo, M-L. Von Franz sustenta que Jung não formulou uma doutrina, mas um sistema aberto: seus conceitos e hipóteses são concebidos em bases extremamente amplas, abertos às novas descobertas da ciência.

Discutindo conceitos como o de sincronicidade (ocorrência de coincidências significativas), complementariedade (consciente e inconsciente formando um par completo de contrários) e significado (propósito), Von Franz atenta-nos para a possibilidade de unicidade nos campos de realidade que a física e a psicologia estudam.

Conforme afirmamos anteriormente, **O Homem e Seus Símbolos**, ao apresentar ao leitor as complexas temáticas jungianas, o faz com clareza e objetividade, fazendo uso de várias ilustrações e relatos de sonhos. A leitura desta obra, mostra-nos que as idéias de Carl G. Jung levam os indivíduos, sem dúvida, a uma 'visão mais equilibrada, mais ética e mais ampla do mundo' (p. 310), além de ser um pensamento à espera de novas interpretações, um convite à investigação de novos campos de pesquisas.

Wanderley Martins da Cunha
Instituto de Filosofia - PUCAMP